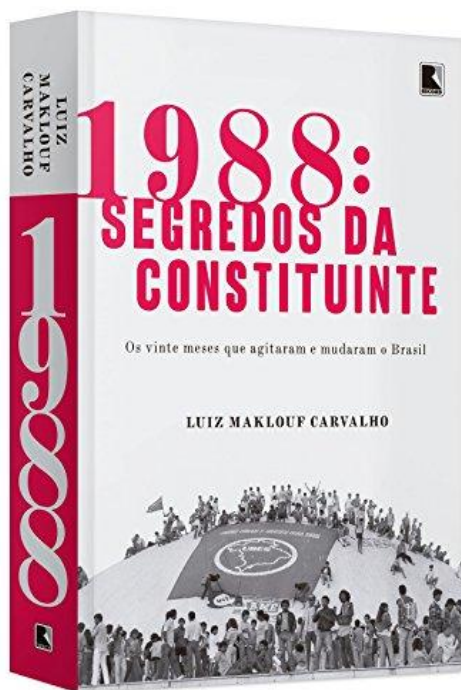


RESENHA

CARVALHO, Luiz Maklouf. 1988: segredos da Constituinte. Os vinte meses que agitaram e mudaram o Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2017.

Meios segredos da Constituinte

CÁSSIO AUGUSTO GUILHERME*



Em seus quase trinta anos de efetividade, a Constituição Federal de 1988 permanece no centro das disputas políticas, econômicas e sociais do país. Para alguns, ela é a garantia para direitos sociais coletivos e individuais e por isso precisa ser defendida e preservada. Para outros, a Carta é excessivamente detalhista, protecionista, estatizante e uma “reforma” neoliberal se faz urgente. Fato é que, desde 1988, a “Constituição

Cidadã” já foi argumento para inúmeras ações judiciais, dois processos de impeachment e emendada quase cem vezes pelos congressistas.

Lançado em 2017 pela editora Record, o livro *1988: segredos da Constituinte. Os vinte meses que agitaram e mudaram o Brasil* traz 43 entrevistas com personagens da Constituinte entre políticos, ministros, lobistas, assessores e funcionários da Câmara. Todas elas foram feitas ao longo do ano de 2014 pelo polêmico e premiado jornalista Luiz Maklouf Carvalho. Uma vez que as entrevistas estão publicadas na íntegra e sem os devidos tratos metodológicos para análise, o livro pode servir como importante e interessante fonte primária para pesquisas acadêmicas sobre o tema da Constituinte, do governo José Sarney e do processo de transição pós-Ditadura.

Na longa lista de entrevistados, alguns nomes merecem destaque, seja pela posição que ocupavam, pelas polêmicas respostas que deram ou pela posição que vieram a ocupar no pós-

Constituinte. O então presidente José Sarney abre o livro com uma longa entrevista, seguido pelas poucas palavras do general Leônidas Pires Gonçalves, considerado por Sarney o grande garantidor de seu mandato.

Dos políticos que tiveram maior atuação e consequente destaque no processo Constituinte, há boas entrevistas como a do então senador Bernardo Cabral (PMDB), relator da Comissão de Sistematização; senador Fernando Henrique Cardoso (FHC) (PMDB), relator do Regimento e sub-relator da Comissão de Sistematização; deputados José Serra, Antônio Brito, Euclides Scalco e Nelson Jobim, todos do PMDB; José Lourenço (PFL) líder do partido; deputado Delfim Netto (PDS) ex-ministro dos governos ditatoriais.

Outros constituintes menos atuantes, mas não menos importantes na política brasileira, também são entrevistados como Eduardo Jorge (PT), Heráclito Fortes (PMDB), Ibsen Pinheiro (PMDB), Jorge Bornhausen (PFL), Michel Temer (PMDB), Aécio Neves (PMDB), Roberto Jefferson (PTB) e Sandra Cavalcanti (PFL). A grande ausência do livro é do ex-presidente Lula (PT), então deputado constituinte que se recusou a dar entrevista para o jornalista Luiz Maklouf Carvalho, pois a rusga entre ambos existe desde a eleição de 1989 no “caso Lurian”. Para completar a extensa lista de destaque, indicamos as

entrevistas do então assessor Miguel Reale Júnior e de Fernando Ernesto Corrêa, assumido lobista da Rede Globo na Constituinte.

Como dito, o interessante da publicação é contribuir nas pesquisas acadêmicas que analisam e avaliam o processo Constituinte e suas várias polêmicas. Embora o livro não traga nenhum grande segredo como prometido no título, os entrevistados não se negam a comentar, admitir, explicar, emitir juízo de valores e até mesmo contar meios segredos sobre os fatos e sobre os demais constituintes.

Pelas entrevistas, podemos discutir a atuação do presidente José Sarney, suas dificuldades de relacionamento com a parte mais à esquerda no PMDB e principalmente a disputa por espaço com o líder Ulysses Guimarães. Embora tivesse pouca legitimidade para governar, Sarney não nunca deixou de jogar o jogo político para influenciar os rumos da Constituinte, mesmo com resultados ambíguos: perdeu na tentativa de apresentar um pré-projeto via “Comissão de Notáveis”, mas garantiu cinco anos de mandato para si, com ajuda de Mário Covas e outros pré-candidatos presidenciais a manutenção do regime presidencialista. A vitória mais significativa de Sarney foi conseguida com o apoio dado aos líderes do PFL na formação do Centrão com intuito de evitar uma Carta Constitucional mais progressista.

O Regimento interno para o funcionamento da Constituinte gerou discussões na época e ainda repercute nas falas dos entrevistados. Escolhido por Ulysses, o relator do regimento foi FHC e a organização em comissões e subcomissões foi, e ainda é, criticada por ter gerado duas categorias de constituintes. O fato de o líder Mário Covas ter nomeado deputados mais progressistas para as relatorias das comissões e com isso ter irritado a maior parte dos parlamentares conservadores, os militares e o setor empresarial é constante nos depoimentos do livro. Aliás, Covas é quem mais recebe adjetivações dos entrevistados.

Um dos maiores poderes da Constituinte estava nas mãos do senador Bernardo Cabral, relator da Comissão de Sistematização. Os entrevistados revelam desde as disputas internas do PMDB para a escolha de Cabral em detrimento de FHC, até o perfil contemporizador do relator, positivo para uns e negativo para outros. Quando o primeiro relatório de Cabral foi apresentado, a insatisfação da maioria dos parlamentares resultou na criação do Centrão.

As versões dos entrevistados sobre a formação e atuação do Centrão são importantes fontes para os pesquisadores da política parlamentar. Para ficarmos em apenas um exemplo, Sarney diz que o Centrão foi uma formação legítima para evitar que as Forças Armadas fechassem a Constituinte ante o impasse gerado pelo primeiro relatório da

Comissão de Sistematização, o qual Ulysses Guimarães não tinha força para resolver.

Os sentimentos dos entrevistados sobre o Centrão são de extremos. Para alguns, representou o atraso clientelista e causou retrocessos na Constituição. Para outros, foi uma reação legítima da maioria dos constituintes que se sentiam excluídos do processo de escrita da Carta, assustados com um suposto viés comunista, socialista ou soviético das comissões e do relatório de Cabral, especialmente na questão da função social da propriedade. Para estes, o Centrão salvou o Brasil de uma Constituição de esquerda.

Muito se acusou, na época, que o governo Sarney via o ministro Antônio Carlos Magalhães (ACM) (PFL) e teria distribuído concessões de rádio e televisão para diversos parlamentares do Centrão em busca de votos para garantir seu mandato de cinco anos, o presidencialismo e as alterações à direita na Carta. O famoso “é dando que se recebe” é negado apenas por Sarney e confirmado pelos demais entrevistados.

O que ninguém nega é a constante presença de lobbies durante os trabalhos da Constituinte. Muitos grupos atuaram via pressão, jantares, festas e presentes para que os parlamentares constitucionalizassem seus interesses econômicos. Ao se perceber a atuação nada republicana de banqueiros, fazendeiros, empresários,

especialmente a FIESP, imprensa, com destaque para a Rede Globo, militares, juízes, promotores, funcionários públicos, sindicalistas e tantos outros, é necessário rever o romantismo em torno da escrita da “Constituição Cidadã” que, na prática, seria um jogo de cartas marcadas. Significativa é a entrevista do lobista da Rede Globo Fernando Ernesto Corrêa, detalhando o *modus operandi* da empresa na Constituinte e sua parceria com FHC, Sarney e ACM a fim de impedir a presença do Estado nas comunicações.

Há outros temas que margeiam as entrevistas, como a atuação dos então pequenos partidos de esquerda, especialmente o PT e Lula; o preconceito machista contra a atuação das poucas mulheres na Constituinte; as festas regadas a álcool e mulheres de programa; as polêmicas internas do PMDB e o racha do grupo paulista que resultou na fundação do PSDB; a sempre organizada atuação da direita, em especial das Forças Armadas. Como cada cabeça é uma sentença, é interessante observar a avaliação que os entrevistados fazem sobre o resultado materializado na Constituição Federal de 1988.

Ao leitor, chamamos atenção para o constante auto inflar de egos. Sem demonstrar modéstia, os entrevistados aproveitam a chance em registrar seus atributos republicanos para a posteridade. Alguns fazem questão de ler a frase ou artigo do qual teriam sido o autor fundamental ou se colocam como os verdadeiros líderes de todo o processo. Nesse quesito, as entrevistas de FHC, José Serra, Nelson Jobim e Michel Temer são insuperáveis. Além da egolatria, salta aos olhos a constante adjetivação aos demais constituintes, sejam eles aliados ou adversários políticos.

Embora alguns leitores possam ver no formato do livro, de entrevistas não discutidas e analisadas criticamente, um grande ponto negativo, penso que ele pode servir de importante fonte primária para trabalhos acadêmicos que usem os métodos de pesquisa necessários e enriquecer a bibliografia sobre o período. A presença constante de versões e opiniões de atores da Constituinte, se bem sopesadas, são importantes para a compreensão do tema.

Recebido em 2017-11-28
Publicado em 2018-02-05



* **CÁSSIO AUGUSTO GUILHERME** é professor da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA; doutorando em História pela Universidade Estadual de Maringá - UEM.